

ERIC HOBSBAWM

Marcos Lobato Martins

Uma pessoa incomum. Historiador respeitado e bastante conhecido. Intelectual atuante, cuja simpatia cativa os interlocutores. Eric Hobsbawm é o “comunista” que escreve sobre jazz. E sobre bandidos. O mestre-escola de gerações de moços e moças que cursaram (e ainda hoje cursam) disciplinas de Ciências Sociais e Humanidades nas mais diversas universidades pelo mundo afora. O professor Hobsbawm habita em espírito nossas bibliotecas, representado por meio da volumosa obra que escreve desde os anos 1950. Não como um hóspede que se recebe com carinho e orgulho, mas que é deixado a um canto na maior parte do tempo, envolto consigo mesmo, por força de condescendências familiares. Ao contrário, Hobsbawm está nas nossas bibliotecas puxando-nos para conversas às vezes incômodas, mas sempre instigantes. Ele anima debates sobre o passado e o presente, prende nossa atenção em entrevistas nos jornais, revistas e televisões sobre acontecimentos urgentes, que implicam dramas humanos nos dois lados do Atlântico, e mesmo além.

Ver Eric Hobsbawm elucidar processos históricos decisivos para a formação da contemporaneidade é experiência agradável. Fica-se à espera de suas críticas às interpretações tradicionais, acompanhadas do oferecimento de novos ângulos de visão, a partir do arsenal marxista que ele próprio ajudou a renovar. A coerência de Eric Hobsbawm é admirável, numa época dominada pelos oportunismos de toda espécie. Talvez por isso, em razão da combinação singular de “memória” e “história” que brota da fala pausada e articulada de Hobsbawm, ficamos enlevados ao ouvi-lo pessoalmente. Será ele um dos derradeiros “narradores” que encheram de nostalgia os escritos melancólicos de Walter Benjamin?

Sir Eric Hobsbawm, cuja longa vida se confunde com a velocidade, agitação e violência do século XX, é aqui, neste pequeno trabalho, o pretexto para falar de História, Tradições Intelectuais e Política.

Em tempos interessantes, o encontro com a História

Neste comecinho de século XXI, há praticamente um consenso na seara de Clio: Eric Hobsbawm é o mais eminente historiador da língua inglesa. Caso houvesse um Prêmio Nobel para a História, ele seria, inegavelmente, um candidato natural à láurea. O reconhecimento de

hoje é fruto de uma carreira construída com empenho e criatividade, que será resumida neste item.

Professor aposentado do Birkbeck College (Universidade de Londres), Hobsbawm foi docente ativo na New School for Social Research (Universidade de Nova York), posto que ocupou desde os anos 1980 até 1997. Como professor visitante, Hobsbawm deu aulas na Universidade de Stanford (1960), no MIT (1967), na Universidade Nacional Autônoma do México (1971) e no Collège de France (1982). É membro da Academia Britânica e da Academia Americana de Artes e Ciências. Colabora frequentemente com os mais importantes órgãos da imprensa ocidental, destacando-se sua participação na influente *The New York Review of Books*. Alguns de seus livros, a exemplo da trilogia sobre a história contemporânea – *A Era das Revoluções* (1962), *A Era do Capital* (1975) e *A Era dos Impérios* (1987) – tornaram-se *best-sellers*. O mesmo ocorreu com o livro *A Era dos Extremos* (1994), no qual Hobsbawm se debruça sobre os processos históricos que caracterizaram o período 1917-1989. O nome Hobsbawm está tão intimamente associado à História que, para muitos leitores, talvez nem faça sentido perguntar sobre como essa ligação teve início. Porém, o próprio historiador inglês seria o primeiro a exigir que algo fosse dito a respeito.

Eric John Earnest Hobsbawm nasceu no Egito britânico, na cidade de Alexandria, em 9 de junho de 1917. Seu pai, Leopold Percy Hobsbawm, era inglês, enquanto sua mãe, Nelly Grün, era austríaca. A família judia mudou-se para Viena e Berlim, locais onde Eric e sua irmã Nancy passaram a infância e parte da adolescência. O pai de Eric Hobsbawm morreu no ano de 1929. A mãe faleceu algum tempo depois, em 1931. Eric e Nancy, órfãos, passaram para a guarda do casal Gretl (tia materna dos meninos) e Sydney (tio paterno). No ano da ascensão de Hitler ao poder, 1933, a família mudou-se para a Inglaterra, onde o jovem Eric terminou estudando História em Cambridge.

Convém esclarecer que Eric Hobsbawm pertence a gerações de ingleses para os quais a História era uma matéria importante, um estudo bastante especializado e difundido nas universidades britânicas, considerado fundamental na educação dos jovens e para o ingresso posterior na vida pública. Na Inglaterra do começo do século XX, a História ocupava lugar similar ao que o Direito possuiu na sociedade e cultura brasileiras, nas épocas do Segundo Império e da Primeira República. Então, muitos jovens ingleses, dentre eles Hobsbawm, estudaram História.

Todavia, o interesse de Hobsbawm pela História começou a ser formado antes de seu ingresso na universidade. Ainda adolescente, na cidade de Berlim, Hobsbawm considerava-se politicamente consciente e começou a ler bastante. O desejo de participar dos debates acesos

sobre os problemas europeus da época (década de 1920 e início dos anos 1930) levou o garoto franzino e desengonçado ao encontro de Marx e Engels. Sem dúvida, foi nessa quadra de sua vida que a concepção materialista da história tornou-se parte essencial da formação de Hobsbawm. Mas, na Alemanha, o ensino de História era muito antiquado, de modo que a disciplina não chegou a atrair, nesse momento, a atenção do adolescente inglês.

A mudança para a Inglaterra, em 1933, iniciou o movimento de aproximação de Hobsbawm com a História. Na antiga Albion, quando cursava as classes mais avançadas da *Grammar School*, Hobsbawm conviveu com um professor que descobriu seu talento para a História, emprestou-lhe seus livros e incentivou o rapaz a se candidatar a uma bolsa de estudos na Universidade de Cambridge. Hobsbawm ganhou a bolsa e, após curto período na Universidade, decidiu-se pela graduação em História (1936-1939). Nessa época, os sinistros anos 1930, a universidade inglesa abrigava muita gente que se tornou marxista, professores e estudantes tanto nas Humanidades e Ciências Sociais, quanto nas Ciências Naturais e na Matemática. Na graduação em História, Hobsbawm estudou história econômica, história constitucional (uma história legal da Constituição e do sistema político britânico) e história institucional e política da Europa, muito convencional.

Sobre sua graduação em Cambridge, a opinião de Hobsbawm é ambígua: ele critica o tradicionalismo da maioria dos professores, mas elogia o ambiente acadêmico construído pelos jovens estudantes, lançando mão dos recursos da universidade. Conforme suas palavras,

Naquela época não havia em Cambridge uma corrente dominante clara. Eu diria que havia o começo de uma revolta contra a concepção convencional de história na Inglaterra, a chamada interpretação “whig” da história, baseada na visão de que a história inglesa se desenvolveu gradualmente até os modernos triunfos da democracia e da liberdade. Havia muito poucos trabalhos de história europeia ou história do ultramar. E de fato pareceu-me, tanto a mim quanto a outros jovens esquerdistas, que a história em Cambridge não despertava muito interesse, com exceção da história econômica. Por sorte a história econômica estava nas mãos de um acadêmico brilhante, mas pouco confiável – o falecido professor Michael Postan, um *émigré* russo que tinha sido algo radical na juventude. Embora fosse muito antimarxista, ele era o único em Cambridge que estava efetivamente informado não só sobre os escritos de Marx, da história marxista e da teoria social marxista na Rússia em que ele cresceu, como também sobre a tradição europeia, a tradição alemã e particularmente a tradição da história econômica e social. Aprendemos muito com ele, e acho que é correto afirmar que o procuravam os jovens historiadores mais brilhantes. Além disso, aprendemos realmente muito uns com os outros. Tínhamos vários grupos de discussão e aprendemos muito com os jovens pesquisadores que estavam fazendo seus doutorados, alguns dos quais acabaram se tornando historiadores bastante respeitados. Em resumo, o que aconteceu conosco foi um programa de auto-educação numa

universidade que punha à nossa disposição uma enorme quantidade de livros, periódicos e fontes históricas.¹

Na passagem dos anos 1930 para 1940, a geração de estudantes ingleses de História a que pertencia Hobsbawm estava interessada em história econômica, conhecia os *Annales* da França e tivera a oportunidade de ouvir Marc Bloch, convidado a fazer uma conferência em Londres.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Hobsbawm serviu o exército inglês, trabalhando na inteligência, graças ao domínio de quatro idiomas. Nessa época, ele já era filiado ao Partido Comunista da Grã-Bretanha, em cujos quadros entrara no ano de 1936. Terminada a guerra, Hobsbawm voltou para Cambridge, onde fez seu doutorado. Juntando alguns colegas, ele formou o Grupo de Historiadores do Partido Comunista, embrião do que veio a ser conhecido como a História Social inglesa.

Nos anos 1950, a geração de Hobsbawm contribuiu para oxigenar a pesquisa e o ensino universitário de História na Grã-Bretanha, transformando as abordagens quando eles se fizeram pesquisadores e, depois, professores. Nessa altura, é bom ressaltar o papel desempenhado pela revista *Past and Present*. Fundada em 1952 por um grupo de historiadores marxistas, entre os quais Hobsbawm, Christopher Hill, Rodney Hilton, Edward P. Thompson e George Rudé, a revista adquiriu forte influência antes dos anos 1960 e representou as novas tendências de introduzir uma dimensão social e econômica na História. Pode-se dizer, sem exagero, que esta “esquerda dos historiadores ingleses” liderou a mudança historiográfica no mundo anglo-saxão.

Nesta altura, um pequeno parêntesis. Em 1954, Eric Hobsbawm realizou uma viagem à União Soviética. A respeito dela, comentou num tom desiludido: notou naquele país “desapontadora ausência de intelectuais”. Em 1968, a invasão da Tchecoslováquia pelo Exército Vermelho levou-o a praticamente desligar-se do Partido Comunista.

Nos anos 1950 e 1960, Eric Hobsbawm começou a obter reconhecimento como autor de sólidas, criativas e influentes pesquisas sobre as classes populares. Foi o tempo dos estudos que focalizavam os trabalhadores e os camponeses diante do processo de expansão da modernidade capitalista. Desde essa época, os temas que dominam a obra de Hobsbawm não variaram muito: banditismo social, campesinato e política, operários e política, revoluções

¹ HOBSBAWM, Eric J. “Uma entrevista com Eric Hobsbawm”. In: *Estudos Históricos*, vol. 3, n. 6, 1990, p. 265. (Entrevista concedida a Margarida e Gerson Moura em fevereiro de 1989, em Londres).

liberais do século XIX, história das idéias e relações internacionais, cultura popular (história do jazz). A partir dos anos 1960 e 1970, Hobsbawm também recebeu reconhecimento como autor de ótimas sínteses da história contemporânea, que viraram manuais didáticos bastante usados por estudantes no mundo inteiro.

A partir de fins da década de 1970, a universidade brasileira passou a ler mais intensamente os trabalhos de Hobsbawm, em traduções que rapidamente se multiplicaram. Nas nossas Faculdades de Filosofia e Letras e Faculdades de Economia e Administração, os textos do historiador inglês integraram as referências bibliográficas de numerosas disciplinas, destacando-se sua tetralogia sobre a história contemporânea.

A tabela abaixo apresenta os livros escritos e organizados por Eric Hobsbawm que tiveram edição brasileira, com as respectivas datas da primeira publicação no país:

TABELA 1 – Obra de Eric Hobsbawm publicada no Brasil

Área Temática	Título	1ª edição
Estudos sobre classes popula	<i>Bandidos</i>	1975
	<i>Rebeldes primitivos</i>	1978
	<i>Os trabalhadores</i>	1981
	<i>Capitão Swing</i>	1982
	<i>Mundos do trabalho</i>	1987
	<i>História social do Jazz</i>	1990
	<i>Pessoas extraordinárias</i>	1998
História das ideologias polític sociais	<i>História do Marxismo</i> (12 vol.)	A partir de 1979
	<i>Revolucionários</i>	1982
	<i>Nações e nacionalismo desde 1780</i>	1990
	<i>Ecos da Marselhesa</i>	1996
	<i>Estratégias para uma esquerda racional</i>	1991
	<i>A invenção das tradições</i>	1996
História Contemporânea	<i>As origens da Revolução Industrial</i>	1979
	<i>A Era do Capital</i>	1979
	<i>Da Revolução Industrial inglesa ao Imperialismo</i>	1980
	<i>A Era das Revoluções</i>	1981
	<i>A Era dos Impérios</i>	1988
	<i>A Era dos Extremos</i>	1994
Teoria da História	<i>Sobre História</i>	1998
Autobiografia	<i>Tempos interessantes: uma vida no século 20</i>	2002

Se o método empregado por Hobsbawm para construir essa extensa obra foi o mesmo – o materialismo histórico –, as fontes primárias utilizadas são variadas. Citem-se apenas alguns tipos, que diferem dos consagrados documentos escritos. No livro *Bandidos*, a literatura de cordel aparece destacadamente. Em *Rebeldes primitivos*, os depoimentos de aldeões e camponeses são fundamentais. No estudo “Homem e Mulher: Imagens da Esquerda”, que integra o livro *Pessoas extraordinárias*, a iconografia é a pedra de toque. E, é claro, a *História social do Jazz* está alicerçada em muita música, ouvida com sentimento e interesse nos dois lados do Atlântico.

Eric Hobsbawm: renovador do marxismo

Como toda obra extensa, a de Eric Hobsbawm é também desigual, irregular, quando examinada na perspectiva das contribuições originais que ela traz para a escrita da História e a discussão teórica no campo das Ciências Sociais. Observação trivial, é verdade, porque nenhum historiador consegue ser criativo o tempo todo; mas é justamente o núcleo mais criativo da obra de um historiador que, de um lado, concorre para tornar a escrita da História imprevisível e, de outro lado, ajuda a enfraquecer os clichês e ortodoxias que costumam esterilizar o pensamento. No caso de Hobsbawm, o que está em jogo é o marxismo. Sua obra é força de renovação da abordagem marxista da história.

Mais especificamente, Hobsbawm trouxe aportes importantes para a discussão de dois problemas centrais no pensamento marxista, a saber: 1) a formação da consciência política das classes sociais e; 2) a construção/difusão das ideologias e tradições nacionais, recursos necessários ao controle da Sociedade pelo Estado. Ao abordar esses problemas, Hobsbawm contribuiu para melhor defini-los, além de lançar luzes sobre as dinâmicas e mediações socioculturais envolvidas. Não surpreende, portanto, que sua obra (e a dos colegas da História Social inglesa) seja lida com tanto interesse pelos sociólogos, antropólogos e politólogos. Fato, aliás, que não é muito comum acontecer.

Este capítulo, por limitações de espaço, não irá além dos estudos sobre as classes populares. Tal escolha decorre da influência ponderável que eles exerceram sobre a historiografia brasileira, como será apontado adiante. O desafio de compreender a formação das classes sociais foi enfrentado por Hobsbawm nos estudos sobre a história dos operários e movimentos de rebeldia nas áreas rurais.

A simples escolha dos camponeses como objeto de estudo representou uma pequena heresia no âmbito do marxismo oficial dos tempos de Stálin. Afinal, o próprio Marx, como se pode perceber no *Dezoito Brumário*, possuía visão bastante negativa do campesinato. Marx considerava as comunidades camponesas visceralmente reacionárias, apegadas a valores culturais arcaicos, impregnadas de crenças e idéias religiosas anti-modernas. O campesinato seria massa de manobra à espera de lideranças externas, conservadoras, demagógicas ou progressistas. Por isso, pensava Marx, o campesinato teria que ser conduzido pela vanguarda operária nas lutas pela transformação social rumo ao socialismo. Para dizer o mínimo, Hobsbawm matizou essa visão convencional do campesinato em estudos que ficaram

célebres: *Rebeldes Primitivos* (1959), *Bandidos* (1969) e *Capitão Swing* (1969, em co-autoria com George Rudé).

Nestes trabalhos, Hobsbawm mostrou as graves inconsistências presentes na visão dos camponeses, visão compartilhada tanto pela esquerda quanto pelas elites burguesas. Na Europa como na América, as comunidades rurais, nas eras pré-industrial e industrial, reagiram intensamente ao avanço das novas relações de produção, legislações e tecnologias que aviltaram sua dignidade e condições de vida. Ao invés de passivas, elas foram bastante ativas. Elas construíram, com base nas relações sociais e tradições culturais específicas de cada região, formas diferenciadas de ação coletiva. Para Hobsbawm, a resistência dos camponeses à marcha da modernização capitalista gerou movimentos sociais dotados de racionalidade própria. Neles havia objetivos, métodos e porta-vozes. E, o que é importante, os movimentos camponeses não podem ser qualificados liminarmente como conservadores. Hobsbawm demonstrou que, não raro, tais movimentos alimentaram expectativas de construção de uma “nova sociedade”.

Na análise de Hobsbawm das revoltas camponesas, o método marxista abre-se para a incorporação da subjetividade coletiva, isto é, a riqueza e complexidade de crenças e sentimentos populares enraizados. Essa subjetividade coletiva, que melhor convém chamar simplesmente de cultura, não é encarada como mero epifenômeno da base material, do “jogo objetivo” das forças econômicas ou políticas. A análise do milenarismo nas revoltas camponesas é o fio de água fresca que Hobsbawm lança sobre o corpo enrijecido da tradição marxista.

Entretanto, a despeito das simpatias que Hobsbawm desenvolveu pelas revoltas camponesas, persiste nos seus trabalhos o ranço do ponto de vista do comunista inglês. Assim, no fim do capítulo dedicado às ligas camponesas sicilianas, Hobsbawm relaciona o milenarismo (forma *arcaica*) com a revolução (forma *moderna*) na luta pela transformação social:

Quando integrado a um movimento moderno, o milenarismo pode não apenas tornar-se politicamente eficaz, como também pode fazê-lo sem a perda desse zelo, dessa fé fervorosa em um mundo novo e dessa generosidade na emoção que o caracterizam até nas suas formas mais primitivas e perversas. Ninguém pode ler o testemunho da camponesa anônima de Piana sem desejar que seu espírito seja preservado.²

² HOBSBAWM, Eric J. *Rebeldes primitivos*: estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX. Trad. Waltensir Dutra. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 111.

No que se refere à historiografia brasileira, esta parte da obra de Hobsbawm – os estudos sobre os movimentos camponeses – recebeu acolhida entusiasmada. E isso não só porque o Brasil experimentava, nos anos 1970 e 1980, a aceleração das mudanças no campo, alterações responsáveis pela ampliação do êxodo rural e pelo desaparecimento de inúmeras comunidades camponesas. Mas, principalmente, porque fornecia novas chaves para a pesquisa da história rural brasileira, repleta de episódios dramáticos como a Guerra de Canudos e do Contestado, o Cangaço, as Ligas Camponesas nordestinas, os seculares conflitos de terra e as recentes ocupações de propriedades rurais coordenadas pelo MST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra).

Quanto aos trabalhadores das atividades industriais, Hobsbawm pesquisou suas formas de ação coletiva e as ideologias associadas a suas lutas, defendendo-os contra o que E. P. Thompson chamou de “a enorme condescendência da posteridade”. Nessa linha, por exemplo, pode-se assinalar o trabalho intitulado “Os destruidores de máquinas”, publicado no primeiro número da revista *Past and Present* (1952). Nele, Hobsbawm ocupa-se com a análise dos métodos de luta da classe operária no período pré-industrial. Mais especificamente, seu alvo são os movimentos de “quebra de máquinas” e seu objetivo é mostrar que eles não eram explosões espontâneas da ira de trabalhadores incapazes de entender, racionalmente, a realidade de sua época. Hobsbawm mostra que, ao contrário, os movimentos de “quebra de máquinas”: 1) não podem ser reduzidos ao fenômeno mais tardio do luddismo; 2) constituíram “negociação coletiva através da arruaça” nos séculos XVIII e XIX, isto é, meios normais de fazer pressão contra os empregadores, trabalhadores extras e furadores de greves, nos momentos em que ocorriam perdas nos salários e/ou nas condições de vida; 3) garantiram a solidariedade essencial dos trabalhadores.

Dessa forma, Hobsbawm ensina que os trabalhadores não podem ser acusados de rejeitar inteiramente o progresso técnico. Os destruidores de máquinas foram hostis a determinados tipos de máquinas, aquelas que ameaçaram criar desemprego e rebaixar os trabalhadores. O problema não eram as máquinas como tais, mas as disputas que surgiam em razão da expansão da produção capitalista. Conforme as palavras de Hobsbawm:

[A destruição de máquinas] Era mais útil em casos em que era necessária uma pressão intermitente sobre os patrões, do que quando tinha de ser mantida pressão constante; quando os salários e as condições mudavam subitamente, como entre os trabalhadores têxteis, ou quando os contratos anuais vinham para renovação simultânea, como entre os mineiros e marinheiros (...). Pôde ser usada por todos os tipos de pessoas, desde os pequenos produtores independentes, por meio das formas intermediárias tão típicas do

sistema de produção doméstica, até os assalariados mais ou menos plenamente capacitados.³

O historiador inglês conclui que a “negociação coletiva mediante o tumulto” exigiu uma luta incessante e eficiente, trazendo benefícios aos trabalhadores. Enfim, a “quebra de máquinas” foi uma forma eficiente da luta operária antes da era dos sindicatos nacionais. E, atrás dela, encontrava-se o desejo de uma sociedade em pequena escala de proprietários modestos e de assalariados com vida confortável, sem grandes distinções de riqueza e poder. Sonho que era compartilhado por trabalhadores, pequenos lojistas e patrões locais, mas não pelos empresários capitalistas plenamente desenvolvidos, que constituíam uma pequena minoria no século XVIII e início do século XIX. Por isso, como mostrou Hobsbawm, os destruidores de máquinas obtiveram avassaladora solidariedade em todos os segmentos da população. Então, por que não detiveram o progresso técnico e a imposição final do empresário inovador? Por causa do Estado, que encorajou a busca de lucros, qualquer que fosse o custo social. E porque a concorrência na economia de livre iniciativa forçou a difusão das inovações técnicas, uma vez que o competidor retardatário, para evitar a falência, acabava obrigado a adotar a nova máquina.

Hobsbawm também se esforça para demonstrar que existem marcantes descontinuidades no interior da história operária, dos movimentos e do processo de formação da classe operária. Até os anos 1850, na Inglaterra, o correto seria enxergar os trabalhadores como um agregado de microcosmos, uma coleção de pequenos mundos consideravelmente autônomos: mineiros, tecelões, sapateiros, alfaiates, marinheiros, etc. Não havia uma classe operária nacional. Conforme Hobsbawm, seria necessário esperar os anos 1880 e 1890 para ver surgir essa classe operária única, aglutinada por meio da consciência de um destino comum, pela combinação de fatores econômicos, políticos, sociais e culturais que operaram uma ruptura com a época do cartismo. O surgimento de *Andy Capp* (Zé do Boné) representa novo patamar alcançado pelas massas trabalhadoras.

Esta classe operária nacional, cujas origens os intelectuais e líderes ligados ao movimento sindical e à política trabalhista empurram mitologicamente para o início do século XIX, organizou-se em torno de sindicatos e federações de sindicatos; ela preferiu as greves e os *lock-outs* nacionais como forma de ação coletiva, buscando a assinatura de acordos coletivos nacionais; ela progressivamente aderiu ao Trabalhismo, deixando de

³ HOBBSAWM, Eric J. *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*. Trad. Irene Hirsch e Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998. p. 19.

colocar alguns operários ou ex-operários no Parlamento para votar em candidatos do Partido Trabalhista Independente. E, como insiste Hobsbawm, essa classe operária nacional, surgida no fim do século XIX, adotou padrões de vida e visões de mundo específicos, de que seriam elementos: a cultura do futebol, o gosto pelas lanchonetes de peixes e fritas, as férias em balneários como Blackpool, a habitação em bairros e subúrbios padronizados, com filas de casas geminadas e, é claro, o apego generalizado ao uso do boné chato.

Essas massas operárias têm consciência de classe, mas seus sentimentos e opiniões não são os mesmos das vanguardas de ativistas e militantes. Elas têm líderes, que precisam de treinamento – na Inglaterra da virada do século XIX para o XX, os líderes começaram suas carreiras como participantes da Social Democracia, do Partido Trabalhista ou do Movimento Sindicalista Revolucionário. O problema que requer solução é, para Hobsbawm, entender como ocorreu o progresso (político) da consciência de classe. Conforme palavras de um artigo publicado em 1984, intitulado “O fazer-se da classe operária: 1870-1914”, a questão é a seguinte:

O que ainda temos de explicar é a transformação dos mineiros, de um corpo notoriamente imune ao apelo dos socialistas, ao que já foi chamado de ‘a guarda pretoriana de um Partido Trabalhista explicitamente socialista’. O que temos de explicar é não somente por que isto aconteceu em áreas de luta exacerbada de classes, como no sul de Gales, mas também em áreas desprovidas de militância industrial digna de nota, como no Yorkshire; não somente nas jazidas de carvão onde os mineiros viviam em condições péssimas, como no Lancashire, mas também em algumas onde desfrutavam de boas condições.⁴

Ora, a análise de Hobsbawm do processo de formação da classe operária retira o monopólio das atenções então atribuído aos sindicatos e aos partidos políticos. Ela valoriza a compreensão das mudanças que afetam o cotidiano dos trabalhadores, as formas de sociabilidade e práticas culturais nas fábricas, bairros e cidades operárias. Esta abordagem abriu novos caminhos para a pesquisa brasileira sobre a classe operária e os movimentos de trabalhadores, até os anos 1960 ainda circunscritos à perspectiva institucionalista (tão cara ao oficialismo marxista) e ao universo de São Paulo e Rio de Janeiro.

E quem são os interlocutores de Hobsbawm nesses estudos sobre as classes populares? Já foi dito alguma coisa a respeito. Mas é bom ser mais explícito. Em primeiro lugar, Hobsbawm dialoga, ou melhor, critica os liberais e a esquerda convencional,

⁴ HOBBSAWM, Eric J. *Pessoas extraordinárias*. p. 109.

especialmente os marxistas ortodoxos, que desprezavam os “trabalhadores pobres” e os camponeses. Em segundo lugar, Hobsbawm conversa com os historiadores franceses, em particular a segunda geração dos *Annales*, que produzia na mesma época (anos 1950 e 1960) amplas análises socioeconômicas das regiões rurais francesas, como os trabalhos de Le Roy Ladurie. O diálogo também envolvia os antropólogos, com os quais Hobsbawm aprendeu sobre milenarismo e rituais, incorporando esses temas nos estudos sobre as formas de resistência populares. Ele fez questão de citar Max Gluckman e os peritos em movimentos milenares Peter Worsley e Norman Cohn. Nesse grupo de interlocutores, os antropólogos/sociólogos, Hobsbawm inclui a brasileira Maria Isaura de Queiroz. Outro grupo destacado de interlocutores de Hobsbawm era o dos seus colegas da História Social inglesa, sobretudo Edward Palmer Thompson. Uma influência que ele reconhece, e classifica como decisiva, é o economista Karl Polany, autor de *A Grande Transformação*, obra na qual se encontra estudo de fôlego sobre a formação recente e dramática do “moinho satânico” do capitalismo, com seus três mercados (de terra, de dinheiro e de mão-de-obra). Trata-se de um autor que, cabe ressaltar, tanto liberais quanto marxistas discretamente marginalizaram.

Sinal vigoroso de que Hobsbawm possuía e possui uma teoria e um método, mas não se tornou escravo deles. Em suas palavras, “a análise de Marx (...) é um guia para a compreensão do mundo, embora a própria teoria marxista, como qualquer teoria, precisa abrir-se ao escrutínio crítico”.⁵

Entre o presente e o futuro

Os tempos que correm são da *expertise*. Os “especialistas” são rotineiramente convocados pelos meios de comunicação de massa para oferecer suas opiniões – e também fazerem suas apostas – sobre os acontecimentos do presente e seus desdobramentos futuros. Os historiadores não escapam aos chamamentos da mídia. Talvez porque, desde o velho Cícero, as pessoas seguem acreditando que a História é a mestra da vida. No século II, Luciano de Samósata defendeu o exercício de uma “história justa”, que, além de ser escrita com a verdade e distante da bajulação, visaria à esperança futura e não ao agrado dos contemporâneos.⁶ Um saber, portanto, direcionado para o futuro e que não se eximiria de tratar de temas presentes, contemporâneo das circunstâncias e interesses do presente. Para

⁵ HOBBSAWM, Eric J. *Estratégias para uma esquerda racional: escritos políticos 1977-1988*. Trad. Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 11.

⁶ SAMÓSATA, Luciano de. *Como se deve escrever a História*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Tessitura, 2009.

Luciano, o historiador precisa falar para os homens de hoje e os do futuro. Nesse aspecto particular, das representações que o público educado tem sobre o papel do historiador, muda a Roma, mas não mudam os homens.

Como é que se sai Hobsbawm diante dos apelos do jornalismo e das editoras que desejam abordar “temas quentes” do presente e, mais do que isso, fazer prognósticos? O exame de um ou outro texto do eminente historiador inglês sobre o “tempo presente” (no sentido fixado pelos franceses do Instituto de História do Tempo Presente) revela qualidades raras, relativas à atitude, por assim dizer, do profissional da História no mundo contemporâneo.

Tome-se, por exemplo, o texto de 1990 intitulado “Adeus a tudo aquilo”, publicado no livro *Depois da queda*, organizado por Robin Blackburn, com a finalidade de discutir o colapso do comunismo a partir de 1989 e a nova ordem mundial que se seguiu a essa derrocada. Nesse texto, a moderação e a sabedoria do historiador que nunca renegou suas crenças socialistas aparecem por inteiro. Em primeiro lugar, Hobsbawm assinala que as profecias mal atravessam horizontes estreitos. Do que se deduz que, para ele, não é papel do historiador bancar o visionário ou a pitonisa. Por isso, Hobsbawm ironiza a então celebrada predição de Fukuyama sobre o mundo pós-1989, escrevendo: “Lamentemo-nos com o sr. Francis Fukuyama, que afirmou que 1989 significava ‘o fim da história’ e que daí para frente tudo seria tranquilamente liberal e livre mercado. Poucas profecias destinam-se a ter vida mais curta que esta”.⁷ Então, o historiador estaria confinado ao tempo passado?

Vê-se no texto referido que não é este o caso. Frente aos processos mais dramáticos do presente, o historiador pode dar sua contribuição para o debate público. Desde que construa diagnóstico cuidadoso, a salvo das euforias e iras momentâneas, moldado na abordagem da longa duração, que possibilite identificar: 1) os problemas agudos que o mundo vem enfrentando; 2) as soluções tentadas e que fracassaram e; 3) as alternativas de ação e organização que quedaram vencidas na trajetória da história. Dessa forma, Hobsbawm – relativamente ao significado histórico de 1989 e dos seus desdobramentos – começa dizendo que “é muito mais fácil ver 1989 como uma conclusão do que como um começo”.⁸ O que teria terminado com a queda do Muro de Berlim seria uma era em que o mundo girou em torno da Revolução de Outubro, em que o comunismo, para o bem ou para o mal, organizou a imaginação política de várias gerações humanas. Nas palavras de Hobsbawm, “por mais de

⁷ BLACKBURN, Robin (Org.). *Depois da queda*: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo. 2. ed. Trad. Luis Krausz, Maria Inês Rolim e Susan Semler. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 106.

⁸ *Idem*, p. 93.

setenta anos os governos e as classes dirigentes ocidentais foram atemorizados pelo fantasma da revolução social e do comunismo”.⁹ Somada às crises internas do capitalismo, a polarização “mundo livre” *versus* “cortina de ferro” teria produzido o efeito de corrigir os excessos do capitalismo, fazendo-o enveredar pelo caminho da democracia e da busca de mecanismos para mitigar a desigualdade social e a desigualdade de oportunidades. Temendo a alternativa representada pela União Soviética e os trabalhadores organizados dentro dos países industrializados, os ricos ocidentais aceitaram os Direitos Sociais, o Estado de Bem-Estar Social e as políticas de corte keynesiano.

Mas, ainda conforme Hobsbawm, 1989 eliminou a alternativa do “socialismo real” (que ele não hesita em qualificar como ditatorial, miserável e terrorista). O efeito prático dessa eliminação foi que os ricos perderam a razão de ter medo, de agir com cautela em relação às massas trabalhadoras e recuperarem a autoconfiança em um capitalismo próspero, desregulado, financeirizado. Os ricos estão novamente dispostos a acumular sem peias, a não se preocuparem com os outros, a darem de ombros para a injustiça e a desigualdade. Então, afirma Hobsbawm, perderam com 1989 as camadas populares no Primeiro, no Segundo e no Terceiro Mundos. Ganharam as minorias ricas. Quanto às perspectivas futuras, Hobsbawm aponta justamente os efeitos que tendem a ser intensificados pela operação cada vez mais global da privatização e do mercado livre, bem como do fato de haver restado apenas uma superpotência que se precipita a espalhar, agressivamente, o modo de vida americano. A lista inclui: 1) aumento da instabilidade política, inclusive na Europa do Leste; 2) crescente alargamento da distância entre ricos e pobres; 3) ascensão do racismo e da xenofobia e; 4) crise ecológica do planeta.¹⁰

Os leitores permitam outro exemplo. Em decorrência da crise capitalista que adquire contornos cada vez mais sinistros desde fins dos anos 1990, há quem sentencie que o colapso dos Estados Unidos está próximo, e que o século XXI é o século da China.¹¹ Numa entrevista concedida ao jornal *Folha de São Paulo*, Hobsbawm afirmou que não espera um século dominado por uma única potência e nem a China, na condição de país, imporá aos outros seu modelo. Quais as razões para essas apostas? Conforme Hobsbawm, mesmo o Império Romano, à sua época, não era único – havia os persas e os chineses – e os romanos sabiam

⁹ *Idem*, p. 93.

¹⁰ *Idem*, p. 104-106.

¹¹ Cf. ARRIGHI, Giovanni. *Adam Smith em Pequim (Origens e fundamentos do século XXI)*. Trad. Beatriz Medina. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2008; e ZAKARIA, Fareed. *O mundo pós-americano*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

disso. No século XIX, por um breve período, pareceu que parte do mundo respondesse a um só país, o Reino Unido. Mas a Inglaterra nunca tentou exercer todo esse poder, pois o Império Britânico limitava-se a seguir a lógica e os interesses de sua economia. Por isso, quando surgiu a hegemonia americana no Pós-1945, os ingleses sentiram a mudança dos ventos antes das outras potências coloniais e se adaptaram mais facilmente à perda de seu império, pois sua economia estava estruturada sobre o transporte marítimo, o comércio e as finanças. Quanto à China, a história mostra que ela sempre cresceu e, nas últimas décadas, cresce aceleradamente. Os chineses têm consciência de seu lugar central, mas há muito abandonaram sonhos expansionistas e nem imaginam possível exportar seu modelo de sociedade. Para eles, a única razão para um conflito com o Ocidente seria Taiwan, algo improvável. Os Estados Unidos, cujo desenvolvimento baseou-se na expansão territorial num continente “vazio” e na ideologia da excepcionalidade da nação ianque (“destino manifesto”), viveram à margem de um sistema internacional formado por nações de poderes comparáveis por muito tempo, sempre privilegiando seu mercado interno. Por isso, pensa Hobsbawm, o império norte-americano, construído durante a Guerra Fria e que não teve colônias, teve sempre que exibir força militar para sustentar sua economia. As Guerras do Vietnã e do Iraque, porém, demonstraram que mesmo uma grande concentração de poder militar não consegue dominar Estados relativamente fracos sem certa aprovação ou consenso destes. Por outro lado, diferentemente dos romanos, os norte-americanos não estão dispostos a morrer por seu país. Então, a hiperpotência americana vê seu projeto imperial rumar ao fracasso, o que não significa que o país esteja em declínio irreversível ou à beira de colapso. Teremos um sistema internacional em que diferentes unidades (umas mais poderosas que outras) vão operar juntas, com influências regionais sendo exercidas por potências locais. Nas palavras de Hobsbawm,

O império norte-americano não permanecerá, entre outras razões, por questões internas. A maior parte dos norte-americanos não quer saber de imperialismo e sim de sua economia interna, que tem demonstrado fragilidades. (...) O governo norte-americano não tem lidado bem com isso. Logo os projetos de dominação mundial terão de dar lugar a preocupações econômicas. E os outros países, se não podem conter os Estados Unidos, têm de acreditar que é possível tentar reeducá-los.¹²

Mesmo que não se concorde com a interpretação da história do século XX subjacente à discussão de Hobsbawm sobre o significado histórico de 1989 e suas implicações futuras,

¹² HOBBSAWM, Eric J. *Folha de São Paulo*, 30 de setembro de 2007.

ou se discorde dele sobre o debate relativo ao “declínio” dos Estados Unidos, é fácil reconhecer o esforço do historiador inglês para encontrar um ângulo de visada racional e abrangente, aberto para a historicidade dos processos e para a longa duração, que privilegia as articulações mais finas entre os espaços, e as forças econômicas, sociais, políticas e culturais que atuam nesses espaços. Nota-se que, para Hobsbawm, a questão de saber se a História pode dizer algo sobre o futuro – mesmo porque não se trataria de demanda absurda, embora recusada pela maioria dos historiadores – está relacionada à compreensão da relação passado-presente-futuro como um *continuun*, articulado pela memória (individual e social), que permitiria ao historiador fazer previsões de tendências, capturar horizontes de expectativas e discernir possibilidades sociais baseadas em anseios e/ou projetos sociais. Quanto à precisão dos prognósticos, conviria guardar boa dose de modéstia...

Considerações finais

Para os historiadores econômicos, os inventários são peças que devassam a culminação, por assim dizer, da trajetória econômica dos sujeitos inventariados. Os inventários listam os bens e as propriedades da pessoa ou da empresa, estipulando seus valores monetários. Os inventários também indicam os ativos e passivos dos agentes econômicos, que nada mais são do que resultados cifrados, em moeda corrente, de relações de intercâmbio mantidas com outras pessoas e firmas. Intercâmbios que, geralmente, são muito mais do que transações econômicas, porque envolvem alianças, compromissos, afetos, reciprocidades. Os inventários são utilíssimos. Porém, ao lado deles, os balanços também são necessários. Os balanços explicitam, especialmente se acompanhados de demonstrações financeiras e relatórios de administração das firmas, as percepções e as escolhas dos agentes econômicos, as posições financeiras, patrimoniais e de mercado ocupadas, num momento determinado, pelas entidades ou pelas pessoas. Os balanços realizam avaliações de desempenho das atividades de indivíduos e organizações. Assim, balanços e inventários, combinados, esclarecem melhor a trajetória dos agentes.

Até agora, procedeu-se a rápido inventário da atividade incessante e copiosa de Hobsbawm. Arrolaram-se assuntos recorrentes, temas privilegiados, fontes e métodos mais empregados pelo historiador britânico. Algo foi dito sobre sua influência na historiografia brasileira, bem como a respeito de sua atuação frente às agruras e incertezas que o mundo experimentou nos últimos cem anos. Falta, contudo, esboçar balanço mais incisivo da obra de Eric Hobsbawm. Juntar ao inventário um balanço, que não é final por duas razões. Primeiro,

porque ele continua em plena atividade: escrevendo, ministrando palestras, concedendo entrevistas, falando aos mais jovens. Segundo, porque a obra de Hobsbawm, inegavelmente lastreada na tradição marxista, possui suficiente riqueza e abertura para ensejar múltiplas interpretações.

O balanço inicia-se pelas qualidades do escritor. Eric Hobsbawm não integra a confraria dos historiadores estilisticamente sofisticados, que emprega prosa de alto valor literário, emulando a “carpintaria lingüística” dos grandes romancistas. Seu texto é direto, objetivo, elaborado com precisão. Nele, a narrativa está a serviço do processo de construção da interpretação histórica: não tem valor em si.

A referência à narrativa permite assinalar algo essencial na posição epistemológica de Hobsbawm. Ele considera inaceitável a atitude daqueles que, seja na História ou nas Ciências Sociais, colocam em dúvida a existência autônoma da realidade, embaralhando, por isso mesmo, realidade, ficção e linguagem. Para Hobsbawm, a ciência não pode ser reduzida a “jogos de linguagem” e nem a História ser confundida com os gêneros literários. Não há senão acerba discordância entre o historiador inglês e o ensaísta americano Hayden White – autor de *Meta-História* –, que advoga uma proximidade entre narrativa literária e historiográfica.¹³ A convicção de Hobsbawm é bem outra: o trabalho do historiador nunca deve ultrapassar a marca de giz do círculo do documentado. E as conclusões do historiador precisam ser sustentadas em elementos inferidos a partir de documentos. Obviamente, o espaço deste capítulo não permite mais do que apontar o problema.

Na obra de Hobsbawm, a interpretação histórica depende da mobilização de conceitos e teorias apropriados, cuja tarefa é fornecer inteligibilidade para os “dados” recolhidos meticulosamente nas fontes compulsadas. O recurso parcimonioso à ironia, tão fina e inglesa no texto de Hobsbawm, serve a dois propósitos. De um lado, a ironia é maneira de colocar em dificuldades as presunções e opiniões que Hobsbawm julga necessário afastar do debate. Por outro lado, a ironia constitui um chamamento à modéstia, na medida em que mostra os limites explicativos que constroem as escolhas teóricas e metodológicas que caracterizam as posições do próprio Hobsbawm.

A erudição e a capacidade de síntese do historiador britânico configuram outros elementos que tornam seus trabalhos robustos, agradáveis e úteis para os leitores. Ambas são colocadas a serviço do esclarecimento, da compreensão do processo histórico, à maneira de vacinas eficazes contra a tentação de reduzir e empobrecer as tramas do passado. A obra de

¹³ Cf. WHITE, Hayden. *Meta-História: a imaginação histórica do século XIX*. 2.ed. Trad. José Laurêncio de Melo. São Paulo: Edusp, 1995.

Hobsbawm é dominada por uma intenção sincera – embora não-professoral – de evitar que os leitores fiquem confusos e perdidos. O recurso à erudição ilustra os argumentos, estabelece tipologias e contrastes, aponta singularidades, chamando atenção para as cautelas que devem cercar todo esforço de compreensão histórica e de generalização teórica. A erudição traz para os textos de Hobsbawm fragmentos e especificidades de variadas procedências, forçando-o a ultrapassar as dicotomias tão ao gosto da vulgata marxista. Por conseguinte, ela exige que a análise se desenvolva a partir da premissa da complexidade, avançando devagar. É impressionante a capacidade do historiador inglês de fazer associações complexas entre épocas e países diferentes. O que impõe à tarefa da síntese gerar assertivas menos ambiciosas do que flexíveis. O efeito dessa estratégia adotada por Hobsbawm, simultaneamente de escrita e raciocínio, é o de deixar seus textos de pesquisa arejados, a salvo de truncamentos e da veiculação de mensagens grandiloqüentes.

No plano do conteúdo, a extensa obra de Eric Hobsbawm exhibe a coerência que lhe é conferida pela adesão sólida a princípios bem definidos. Os princípios do materialismo histórico, a proposta de Marx e Engels para a metodologia da História e das Ciências Sociais. Ao invés de ficar circunscrito a simplificações ingênuas e a busca de heróis, Hobsbawm preferiu mergulhar no rotineiro, sofrido e difícil mundo das camadas populares. De modo que ele escolheu concentrar sua investigação nas lutas miúdas, a maior parte do tempo silenciosas e invisíveis, que as “pessoas comuns” travaram nos campos, minas, fábricas, cidades, paróquias, botequins e escolas, na Europa e na América. Seu interesse é a história dos “vencidos”, deixados para trás na pavimentação da “estrada triunfal” da expansão capitalista e da sociedade burguesa. Nas entrelinhas das histórias de operários, camponeses, revolucionários e músicos negros, Hobsbawm procura ver e compreender experiências de exclusão e formas determinadas de resistência, bem como as bases sociais dos movimentos que alimentaram processos de democratização das sociedades ocidentais. Ele deseja ouvir e decifrar as mensagens da resistência possível em cada quadra histórica, nas quais foi forjada a consciência cotidiana das contradições e injustiças. Hobsbawm produz uma interpretação da história centrada no papel dos insistentes e persistentes movimentos sociais que se multiplicaram e expressaram a resistência do povo ao autoritarismo e à pobreza, não raro muito longe das ideologias de compreensão restrita a círculos de iniciados. A análise em termos de classes sociais, por isso mesmo, não elimina a observação dos lugares e dos papéis dos indivíduos, aos quais Hobsbawm faz questão de dar a palavra.

Da filiação marxista também decorre a exigência de abordar os fenômenos históricos na perspectiva da totalidade. Hobsbawm se esforça para analisar a sociedade como um

complexo interativo de instituições, valores, formas de comportamento e atividades. Assim, os movimentos camponeses são referidos ao processo maior de modernização capitalista nos países e no mundo, bem como às práticas religiosas e crenças ancestrais. Da mesma forma, o jazz é posto contra o pano de fundo dos padrões específicos da sociabilidade negra no Sul americano, as hierarquias sociais cambiantes nos Estados Unidos, as transformações socioeconômicas nas metrópoles do Norte e a nascente indústria cultural. Este apego, por assim dizer, ao conceito de “totalidade social” leva Hobsbawm a acreditar que existem dois problemas básicos da História. O primeiro é o de analisar como o mundo muda. Ele insiste que os historiadores devem fornecer explicações para o fato de que os homens saíram das cavernas e alcançaram a era da alta tecnologia. A mudança social tem que ser, conforme Hobsbawm, a obsessão do historiador. O outro problema da História seria o de procurar esclarecer a relação entre a base e a estrutura, ou seja, compreender como as várias atividades ou atitudes da vida estão ligadas, num período particular. Estas seriam as tarefas da “História Social”.

Daí a desconfiança que Eric Hobsbawm nutre em relação a certo tipo de história que tem ganhado terreno nas últimas décadas, também chamada de “Nova História Social” e que lida com objetos alternativos – que são aspectos particulares da vida –, estudando-os de uma maneira que relega a segundo plano a dimensão diacrônica desses objetos. O ponto é controverso. Com a palavra, portanto, o eminente historiador inglês:

Parece-me haver por trás da especialização [na história] dois conceitos completamente distintos de história social. Um conceito é o do estudo de aspectos particulares da vida; de algum modo há que fazer o estudo diacronicamente, mas em geral não é esta a ênfase do campo. Por exemplo, tomemos a história da comida ou a história da doença, ou os que estão interessados na história da infância; apenas isto. Mas haverá sempre infância, e haverá sempre comida... Na verdade, estas pessoas estudam alternativas àquelas partes da história que mudam, que se desenvolvem, que se expandem. O outro tipo de história social, que eu chamo de história da sociedade, é o que está interessado em saber como a sociedade muda, em saber como a sociedade veio a ser o que é, e no que difere do que aconteceu no passado. Há uma tendência de alguns periódicos da nova história social a se tornarem veículos de pesquisadores interessados num aspecto particular da vida humana, sem se proporem qualquer questão histórica séria. São periódicos de antiquário, revistas de colecionador, destinados àqueles que estão simplesmente interessados em ter mais um exemplo de, digamos, um caso de lesbianismo na Espanha do século XVII. São interessantes para as pessoas que se interessam por um aspecto particular em si mesmo; mas há que perguntar quão importante é isto para aqueles que não estão interessados no problema do lesbianismo na história. Este me parece um perigo, um grande perigo para a história social. É lógico que cada pequena parcela de pesquisa especializada pode ser articulada com a problemática ampla da mudança histórica. Deste modo, não estou

dizendo que se trata de uma coisa completamente inútil, mas será que aqueles que estabelecem este campo específico pensam do modo como foi explicado acima? Ou será que o concebem como um campo para colecionar fatos interessantes e atraentes, fatos que interessam a um grupo específico, a um público específico de colecionadores?¹⁴

No plano da ação (política), a vida de Hobsbawm sempre foi guiada por visão humanista e atitude militante. Esperanças generosas o levaram a integrar a luta contra os fascismos, a rejeitar publicamente o stalinismo, a entender o que queriam os estudantes de 1968 (embora, como ele mesmo escreveu, houvesse subestimado os efeitos a longo prazo do choque de 68 no sistema político da França e de outros países afetados), a criticar as guerras do Vietnã e do Iraque (sintomas da “doença dos grandes poderes infantis” que acomete as superpotências e seus aliados). Sua voz também se levantou contra o fundamentalismo de mercado que grassou a partir de Thachter e Reagan, denunciando o perigoso esvaziamento da política e o nefasto aumento das desigualdades sociais associados à globalização corporativa. Para Hobsbawm, que se manteve um homem de esquerda desde a adolescência, Marx ainda é a inspiração adequada para a política radical e democrática, anticapitalista. Desde que se compreenda que os escritos de Marx não devem ser tratados como programas políticos, autoritariamente, nem como descrição da situação real do mundo capitalista hodierno. A obra de Marx deverá ser lida como um caminho para entender a natureza do desenvolvimento capitalista.

Ainda com relação a Marx, o historiador inglês adverte que Marx não regressará à esquerda até que a tendência atual entre os ativistas radicais de converter o anticapitalismo em antiglobalização seja abandonada. Hobsbawm insiste em que a globalização existe como processo histórico e, salvo um colapso da sociedade humana, ela é irreversível. Marx reconheceu isso como um fato e, sendo um internacionalista, deu boas-vindas (teoricamente). O que Marx criticou e o que nós devemos criticar, pondera Hobsbawm, é o tipo de globalização produzida pelo capitalismo.

Estas são indicações suficientes para demonstrar que Eric Hobsbawm não é simples *scholar*; ao invés disso, é um intelectual público, cosmopolita, comprometido com a democracia, a paz e a cooperação entre os povos. Uma pessoa incomum e imprescindível em tempos de desordem, conflitos e barbárie.

¹⁴ HOBSBAWM, Eric J. “Uma entrevista com Eric Hobsbawm”. In: *Estudos Históricas*, Op. cit., p. 270.

Livros de Eric Hobsbawm publicados no Brasil.

HOBSBAWM, Eric. *Bandidos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.

HOBSBAWM, Eric. *Da revolução industrial inglesa ao imperialismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

HOBSBAWM, Eric. *Rebeldes primitivos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HOBSBAWM, Eric. *A Era do Capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HOBSBAWM, Eric. *As origens da Revolução Industrial*. São Paulo: Global, 1979.

HOBSBAWM, Eric. *História do Marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (12 vol.)

HOBSBAWM, Eric. *Da Revolução Industrial inglesa ao Imperialismo*. 1980.

HOBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HOBSBAWM, Eric. *Os trabalhadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HOBSBAWM, Eric. *Capitão Swing*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HOBSBAWM, Eric. *Revolucionários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.

HOBSBAWM, Eric. *Mundos do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBSBAWM, Eric. *História social do Jazz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBSBAWM, Eric. *Estratégias para uma esquerda racional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HOBSBAWM, Eric. *Ecos da Marselhesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HOBSBAWM, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HOBSBAWM, Eric. *A Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HOBSBAWM, Eric. *Pessoas extraordinárias*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOBSBAWM, Eric. *O novo século*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HOBSBAWM, Eric. *Tempos interessantes: uma vida no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HOBSBAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.